Eixo Capital



ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Deputados ja discutem nova Mesa da Câmara Legislativa

Hugo Batista/Divulgação



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Após as eleições, a formação da Mesa Diretora da Câmara Legislativa para o biênio 2027-2028 já é discutida. Dos 24 deputados eleitos, 17 foram reeleitos e sete chegam à Casa em 2027. Entre os nomes apontados para a Presidência, em caso de vitória de Celina Leão (PP), está Joaquim Roriz Neto (PL), reeleito com 45.604 votos — a quarta maior votação para distrital, e maior entre os eleitos pela legenda. Outro nome citado nas articulações é Eduardo Pedrosa (União), reeleito com 50.833 votos — a segunda maior votação. A eleição da nova Mesa Diretora está prevista para 6 de janeiro de 2027, após a posse dos novos deputados.

Minervino Júnior/CB



Forte

Mas é certo que se Celina vencer, o deputado Wellington Luiz (MDB) é forte para continuar na Presidência da Câmara Legislativa a partir de 2027.

Carlos Vieira/CB



Reeleitos

Se Leandro Grass (PT) for vitorioso, o nome mais cotado para a Presidência é Ricardo Vale (PT). O PT manteve a mesma bancada, com Vale, Chico Vigilante e Gabriel Magno reeleitos.

Ed Alves/CB/DA.Press



Eles voltaram

Entre os políticos que estavam sem mandato e tentaram voltar no DF, apenas dois tiveram sucesso. Roney Nemer (PP), que está há oito anos fora dos cargos eletivos, vai para a Câmara Legislativa. E Agnelo Queiroz (PT), que deixou o governo em 2014, retorna, agora, à Câmara dos Deputados.

Reprodução/Correio Braziliense



Suplência

Eduardo Torres (PL), irmão da senadora eleita Michelle Bolsonaro, ficou na suplência da CLDF. Teve 27.314 votos. Na fila para assumir, está em segundo, atrás de Julia Lucy (PL), que somou 19.586 votos e é a primeira suplente.

Ed Alves/CB/D.A Press



Embate

O debate do **Correio** e TV Brasilia no segundo turno das eleições ao Governo do DF será realizado em 18 de outubro. A disputa ocorre entre a governadora Celina Leão (PP), que concorre à reeleição, e Leandro Grass (PT).

Votos de Xavier

Condenado no meio da campanha por encomendar a morte de um jovem de 16 anos, o ex-deputado distrital Carlos Xavier não se elegeu. Mas ainda conseguiu 1.814 votos.

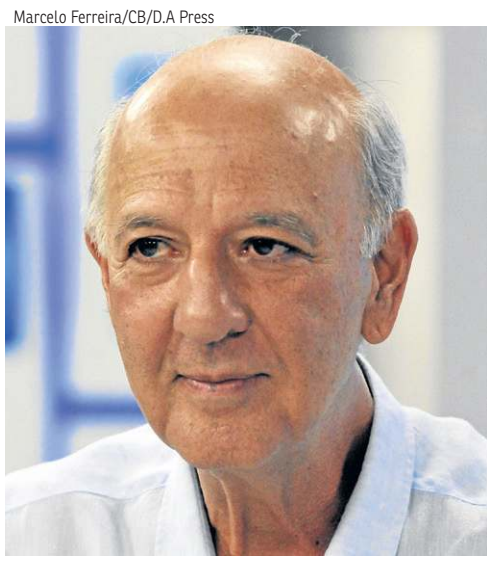
Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



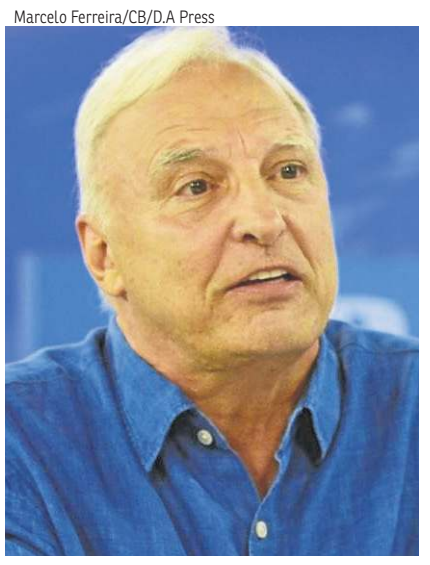
Nem Celina nem Grass

O ex-governador José Roberto Arruda (PSD) não pretende declarar apoio a nenhum lado na disputa de segundo turno para o Governo do DF. "Já cumpri meu papel nessa campanha", disse à coluna. O apoio de Arruda seria bem-vindo por Leandro Grass (PT), que busca cerca de 15 pontos percentuais para ultrapassar Celina Leão.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Contra o PT

O advogado Felipe Belmonte, marido da deputada Paula Belmonte (PSDB), criticou o PT em grupo de WhatsApp com 638 membros. "PT em lugar nenhum, né. Será ótimo para o país ser varrido. Grass é uma boa pessoa, mas no carro que escolheu pra andar fica difícil acompanhar. Falo apenas por mim", disse.

Acompanhe a cobertura da política local com *@anacampos_cb*

Eleições 2026

Abstenção chega a 18,9% no DF

Mais de 426 mil eleitores não votaram no primeiro turno na capital do país. Especialistas avaliam que há um desencanto político

» ANA CAROLINA ALVES

O Distrito Federal registrou, no primeiro turno das eleições de 2026, abstenção de 18,9% dos eleitores aptos a votar. O índice representa mais de 426 mil pessoas, e os números têm se mantido altos nos últimos pleitos. Em 2022, 17,57% dos brasilienses não foram às urnas. Em 2018, o não comparecimento chegou a 18,71% e, em 2014, a 11,67%, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Para especialistas, o crescimento da abstenção pode estar relacionado, entre outros fatores, à descrença dos eleitores na política.

Na visão da analista política Maria Vitória Araújo, os números acompanham o cenário no país, que registrou 21,08% de abstenção este ano. "O que se viu no último domingo foi uma taxa recorde de abstenção em nível nacional, resultado de um fenômeno crescente de desestímulo político entre os eleitores brasileiros", afirma. No entanto, a capital federal teve a menor taxa de abstenção no Centro-Oeste, que registrou 21,83% em Goiás, 22,20% em Mato Grosso e 23,87% em Mato Grosso do Sul. "Mesmo dentro de um quadro de aumento contínuo, os eleitores da capital se mostram mais engajados em relação a seu entorno", ressalta.

Cientista político e professor do Ibmec Brasília, Jackson De Toni avalia que a variação dos ausentes nas urnas reflete transformações do sistema político e do perfil do eleitorado. "O aumento do ceticismo em relação às instituições democráticas, o desgaste do sistema partidário e a alteração dos padrões de consumo de informação política influenciam a decisão do eleitor. Atividades de engajamento presencial, como comícios e panfletagens, perderam força para a busca individual e fragmentada de conteúdo nas redes sociais, o que pode distanciar o eleitor do ato físico de votar no dia do pleito", diz.

Para além do movimento coletivo, o professor analisa que a decisão individual de não votar é influenciada por uma combinação de fatores, desde práticos e socioeconômicos a legais e demográficos. "Dificuldades logísticas e custos de deslocamento até as seções eleitorais, longas jornadas de trabalho no domingo e limitações físicas afetam prioritariamente eleitores de menor renda e escolaridade. O voto facultativo para jovens de 16 e 17 anos e idosos acima de 70 anos reduz a participação desses grupos. O baixo valor da multa administrativa pelo não comparecimento e a facilidade de justificativa digital via aplicativo e-Título também diminuem os custos da ausência", destaca.

Ed Alves/CB/D.A Press



Mesmo com índice alto, DF teve a menor abstenção no Centro-Oeste

Jackson De Toni assinala que, fora a dificuldade de acompanhar as constantes mudanças no cenário político, o desencanto com as instituições e o desgaste provocado pela polarização também pesam sobre a decisão de votar. "O fato de o DF sediar os Poderes da República não se traduz em maior adesão ao ato de votar; pelo contrário, o eleitorado local demonstra maior frustração com o ambiente político", enfatiza.

Impactos na eleição

Na avaliação de De Toni, a abstenção tem potencial para reconfigurar disputas acirradas, especialmente no segundo turno, quando a margem entre os candidatos pode ser menor. "Candidatos e partidos interpretam a massa de abstencionistas não como um grupo definitivamente perdido, mas como um reservatório estratégico de votos não convertidos capaz de decidir a eleição no segundo turno", salienta.

No Distrito Federal, o efeito pode ser significativo. Celina Leão e Leandro Grass chegaram ao segundo turno com uma diferença de 255 mil votos entre a governadora e o candidato do PT. "No DF, o número de eleitores ausentes poderia decidir a eleição em primeiro turno para ambos os lados", analisa Maria Vitória.

Diante desse cenário, os candidatos terão três semanas de campanha para tentar transformar parte desse eleitorado em votos. Segundo De Toni, as estratégias devem apostar no senso de urgência e na adaptação do discurso a temas mais próximos do cotidiano. "Transformar a campanha em uma escolha binária e decisiva, elevando o custo percebido da omissão e buscando convencer o eleitor de que seu voto fará a diferença. Deslocar o foco dos embates ideológicos abstratos para pautas materiais concretas — como custo de vida, transporte e segurança pública —, que têm maior apelo para os eleitores desiludidos com a política tradicional", afirma.

Nesse contexto, Maria Vitória avalia que os números da abstenção também devem orientar as estratégias das campanhas ao longo das próximas três semanas. "Nesse panorama, a defesa em torno do voto útil tem se tornado a principal ferramenta a que os candidatos recorrem para levar seus potenciais eleitores a participar do ato democrático", ressaltou.

Eleições no DF — 1º turno

Ano	Comparecimento	Abstenção
2026	1.831.396 (81,10%)	426.924 (18,90%)
2022	1.816.040 (82,43%)	387.005 (17,57%)
2018	1.694.281 (81,29%)	390.075 (18,71%)
2014	1.676.290 (88,33%)	221.387 (11,67%)

Fonte: TSE